

RESENHA

PROVA: UM MOMENTO PRIVILEGIADO DE ESTUDO, NÃO UM ACERTO DE CONTAS

Julie Stefany Silva Santana¹

Leticia Melo da Silva²

Jeferson Xavier Santos de Araújo³

Marilene Batista da Cruz Nascimento⁴

Educação



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

Vasco Pedro Moretto é licenciado em Física pela Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Avaliação Institucional pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Mestre em Didática das Ciências pela Universidade Laval, Québec, Canadá. O livro “Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas” publicado pelo autor tem 192 laudas e está estruturado em uma introdução e dez (10) capítulos. Essa obra visa colaborar com a prática diária do professor, tendo como base o princípio da ressignificação da prova como instrumento de avaliação da aprendizagem.

Na introdução, o autor evidencia a prova utilizada como um *acerto de contas* com os discentes tidos como indisciplinados. Para mudar essa realidade é imprescindível dar um novo sentido à avaliação, ou seja, transformar esse dispositivo em um momento privilegiado para o educando ler, refletir, relacionar, operar mentalmente e demonstrar a existência de recursos com vistas a lidar com situações complexas. Um fazer docente com foco no ensinar e no aprender privilegia o processo de apropriação individual a partir da mediação do conhecimento socialmente construído.

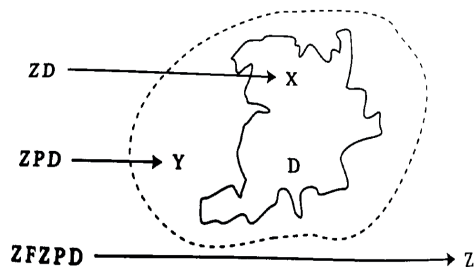
O capítulo 1 trata sobre as atividades docentes em preparar e ministrar aulas, elaborar e corrigir provas. O sucesso no ensinar pode enganar o professor menos atento, tornando-se um pseudossucesso (uso excessivo da memorização no processo de ensino). O sucesso tem relação direta com a clareza do docente em traçar os objetivos das aulas.

A temática explicitada no capítulo 2 enfatiza o ensino para o desenvolvimento de competências. Esta entendida como a capacidade do sujeito de mobilizar recursos cognitivos, visando abordar uma situação complexa. Para resolver esse tipo de situação, o estudante precisa apropriar-se dos conteúdos a ela relacionados, sendo essencial desenvolver o saber fazer. O autor destaca que o professor deve possuir habilidades voltadas ao ensinar (saber fazer uma aula); identificar valores culturais ligados ao ensino; utilizar linguagem pertinente (conhecer e dominar) e administrar as emoções (sentimentos de empolgação, rejeição, medo, indiferença, amor, ira, culpa etc.).

No capítulo 3, Moretto afirma que a construção do conhecimento de uma aula é reflexo da teoria epistemológica do professor. Isso significa que a concepção docente do ser do professor determinará seu processo de ensino. A epistemologia dita como tradicional ficou marcada na formação de muitos educadores, sendo inspirada nas correntes ideológicas do empirismo e do positivismo, apoiada na psicologia comportamental *behaviorista*. Nesse caso, o aluno aprende a descrever o que aprendeu, reproduzindo o mundo físico e social (mero receptor do conteúdo transmitido). Quando esse discente passa a interagir durante as aulas ocorre a construção do conhecimento. O estudante deixa de ser apenas um receptor-repetidor de informações para ser um elaborador de representações e o professor um mediador do processo de aprendizagem.

O tema do capítulo 4 contempla discussões voltadas à apropriação do conhecimento. O sujeito faz interações com o mundo físico e social a partir do seu contexto de vida para interiorizar informação, estabelecer relações significativas com outros saberes já elaborados, transformando sua estrutura conceitual para vivenciar novas experiências.

O capítulo 5 tem como objeto de estudo a transparência do agir do professor-mediador que precisa: conhecer psicossocial e cognitivamente seus alunos (características do grupo como um todo); definir com clareza os objetivos de ensino, estabelecendo metas; determinar com precisão os objetivos para a avaliação da aprendizagem; escolher as estratégias adequadas na intervenção pedagógica; saber perguntar, pois uma boa pergunta proporciona respostas que evidenciem os conhecimentos prévios dos alunos; saber ouvir para identificar o repertório discursivo do aprendiz; e por fim, atuar na zona proximal do desenvolvimento do estudante para mobilizar os conhecimentos prévios. Ver Figura a seguir:



A zona **D** representa o desenvolvimento cognitivo de um sujeito em um dado momento de sua vida. A linha pontilhada representa a zona proximal de desenvolvimento (ZDP). A letra **Y** simboliza um ponto situado na região da **ZPD** que permite inter-relações com o ponto **X**, localizado na zona de desenvolvimento (**ZD**).

Na abordagem do capítulo 6, o autor afirma que a construção do conhecimento é feita por meio da linguagem que tem a função de ligar os contextos do docente com as experiências vividas pelo aluno, fazendo “pontes” entre os saberes do educando e o novo conteúdo a ser trabalhado. O estudante traz consigo um trajeto de vida com representações e um vocabulário próprio para comunicar-se com os outros e com ele mesmo. Esse processo é o seu contexto. Na interação professor e aluno, os contextos serão ligados pela linguagem (conjunto de símbolos escritos, visuais ou sonoros) que passará a ter significados comuns. O professor deve compreender o princípio fundamental da linguagem: “o que dá sentido ao texto é o contexto.”

No capítulo 7, a obra especifica a função social da escola: formar cidadãos capazes de gerenciar informações e não meros acumuladores de dados. Isso indica que a instituição de ensino é uma das muitas estruturas sociais que buscam a socialização do sujeito. Um indivíduo que vem ao mundo se depara com uma realidade já construída (conjunto de conhecimentos estabelecidos, estruturados, institucionalizados e legitimados) por um determinado grupo social. Para viver nesse ambiente, torna-se necessário que ele dê significado ao universo simbólico da sua sociedade. Isso se dá em duas etapas: a socialização primária e a secundária. O autor adota o termo “ajudar a formar”, sendo empregado no sentido de definir a função do professor que planeja sua intervenção pedagógica, com vistas à mediação da aprendizagem.

O assunto do capítulo 8 retrata o papel dos conteúdos no contexto escolar. Muitas escolas tradicionais privilegiam o ensino dos conteúdos pelos conteúdos e outras que os reduzem, quantitativamente, ao mínimo, e priorizam “o fazer” dos alunos. A primeira é tida como “escolas fortes” por darem ênfase ao conteudismo e a segunda são “escolas fracas”, pois não prepara o discente para o vestibular.

Para Moretto, a proposta da educação para as competências visa desenvolver a capacidade do sujeito em abordar uma determinada situação. Significa que o ensino de conteúdos e o desenvolvimento de habilidades precisam ser concomitantes; isto é, a partir de situações complexas (de projetos, por exemplo), o professor busca os recursos necessários para essa abordagem, trabalhando conteúdos conceituais/factuais (baseados na descrição – saber), procedimentais (ler, desenhar, observar, calcular etc. – saber fazer) e atitudinais (predisposição do sujeito para atuar baseado em valores – saber ser).

O capítulo 9 ressalta que avaliar a aprendizagem tem sido um tema atribulado para os professores e cansativo para os alunos. Os educadores não sabem como avaliar em um processo que não seja meramente de cobrança de conteúdos aprendidos

de cor, de forma mecanizada e sem muito significado para o aprendiz. Em nossa cultura, a forma de avaliação mais comum é a prova escrita, devendo ser feita como um momento privilegiado de aprendizagem e não um acerto de contas. Ao elaborarmos provas que elas sejam bem feitas para atingir seu real objetivo: verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos importantes.

O professor deve atentar-se às formas de elaborar uma pergunta. Vale lembrar que o contexto dá sentido ao texto, sendo imprescindível que esse dispositivo seja eficaz e eficiente. O sentido de eficaz colocado aqui tem relação com o alcance do resultado esperado. Já a eficiência está ligada ao objetivo e ao processo desenvolvido para alcançá-la. Há diferença entre as provas na perspectiva tradicional e interacionista. A primeira caracteriza-se pela exploração exagerada da memorização, utiliza palavras de comando sem precisão e um nível operatório mental baseado na transcrição. A segunda é caracterizada pela elaboração de perguntas contextualizadas, claras e precisas, com exploração da capacidade de leitura e da escrita do aluno e com questões operatórias.

Por fim, o capítulo 10 faz uma síntese sobre a prova operatória ressignificando a Taxionomia de Bloom que tem organização em níveis de complexidade crescente, ou seja, do mais simples ao mais complexo: lembrar, entender, aplicar, analisar, avaliar e criar. Esses níveis são aplicados na elaboração das questões de provas. Além disso, o capítulo contempla vários exemplos de atividades contextualizadas, como também orientações à construção de questões operatórias.

O livro “Prova: um momento privilegiado de estudo não um acerto de contas” apresenta uma linguagem simples, clara e concisa. O autor traz uma ressignificação do processo de ensino e de avaliação com discussões pertinentes sobre a prática pedagógica baseada na tendência interacionista. Cabe lembrar que essa obra é relevante, também, para todos os profissionais de educação, inclusive para os acadêmicos de licenciatura, por tratar de questões relativas à aprendizagem significativa e à epistemologia do saber fazer e ser professor.

REFERÊNCIAS

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 9. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

Data do recebimento: 22 de julho de 2015

Data da avaliação: 22 de julho de 2015

Data de aceite: 15 de janeiro de 2016

1. Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Tiradentes – UNIT/Sergipe, campus Farolândia. E-mail: juliestefanyss@hotmail.com.
2. Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Tiradentes – UNIT/Sergipe, campus Farolândia. E-mail: leticynha.melo@hotmail.com.
3. Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Tiradentes – UNIT/ Sergipe, campus Farolândia. E-mail: jf.xavier15@gmail.com.
4. Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS); Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes (UNIT); Docente da Universidade Tiradentes dos Cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Matemática e da Diretoria de Educação a Distância. E-mail: nascimentolene@yahoo.com.br